

STATE



AILEEN SILVA CARROLL  
SÉRGIO ANDRADE

# SAÚDE

O CUIDADO PASTORAL EM CONTEXTO  
DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER  
PRATICADA POR PARCEIRO ÍNTIMO



**Editora Ultimato**  
Viçosa, MG

ATÉ QUANDO?  
Categoria: Liderança / Ética / Vida cristã

---

Copyright © 2010 Aileen Silva Carroll  
Sérgio Andrade

*Primeira edição:* Março de 2010  
*Coordenação editorial:* Bernadete Ribeiro  
*Revisão:* Paula Mazzini Mendes  
*Diagramação:* João Jacob  
*Capa:* Caio Campana

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e  
Classificação da Biblioteca Central da UFV

---

C319a  
2010 Carroll, Aileen Silva, 1977-  
Até Quando?; O cuidado pastoral em contexto de violência contra  
a mulher praticada por parceiro íntimo / Aileen Silva Carroll e Sérgio  
Andrade. — Viçosa, MG : Ultimato, 2010.  
128p. ; il. ; 21cm.  
Referências bibliográficas: p. 123-127  
ISBN 978-85-7779-037-1  
1. Crime contra as mulheres. 2. Violência conjugal. 3. Esposas  
maltratadas. 4. Mulheres – Condições sociais. I. Andrade, Sérgio. II. Título.  
CDD 22.ed. 362.83

---

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

EDITORA ULTIMATO LTDA.  
Caixa Postal 43  
36570-000 Viçosa, MG  
Telefone: 31 3611-8500 – Fax: 31 3891-1557  
[www.ultimato.com.br](http://www.ultimato.com.br)

Para Eduardo Manoel, esposo e companheiro fiel no caminho da igualdade; e para L.F.S. e todas as outras mulheres corajosas que abriram suas vidas para contar suas histórias.

— *ASC*

Aos meus filhos Luis Guilherme e Pedro, e às minhas filhas Mariana, Isabela e Letícia, motivos constantes de minha alegria, gratidão e esperança nesta vida, dedico este livro.

— *SA*



# Sumário

<i>Prefácio</i>	9
<i>Apresentação</i>	11
<i>Introdução</i>	15
1. Mitos e verdades sobre a violência praticada por parceiro íntimo	21
2. As dinâmicas de um relacionamento violento	29
3. Como apoiar mulheres que sofrem violência	43
4. Como aconselhar o autor da VPI	63
5. Preparando e prevenindo a igreja contra a VPI	71
6. Construindo novas relações de gênero	79
7. Separação e divórcio	85
<i>Leituras recomendadas</i>	95
<i>Sites recomendados</i>	97
<i>Anexos</i>	99
<i>Notas</i>	119
<i>Referências bibliográficas</i>	121



## Prefácio

*“Não à violência do coração, não à violência da palavra, não à violência do punho.”*

MARTIN LUTHER KING JR.

*“Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.”*

JESUS

Já fiz o prefácio de vários livros; na maioria das vezes, animado pela boa notícia e pela alegria de anunciar uma história fascinante e contagiadora. Porém, prefaciá-lo sobre a “violência contra a mulher praticada por parceiros íntimos” só é possível pelo compromisso de cumprir a missão na luta pelo direito e pela justiça. Não há como celebrar os depoimentos, pois eles geram revolta e indignação. Arraigados na certeza de que temos uma missão a cumprir, todos os cristãos devem estar dispostos a seguir firmemente até as últimas consequências na luta em defesa das mulheres que sofrem violência.

Em geral, a violência contra a mulher está clara na linguagem, no humor, na cultura, nos esportes, nas organizações religiosas e em outros espaços sociais. E quando a violência se manifesta contra o outro nas expressões da sociedade, é

possível que dentro de cada pessoa já tenha acontecido a coisificação da vida.

As palavras que o leitor encontrará neste livro manifestam nossa solidariedade às pessoas que sofrem violência e expressam nosso repúdio a toda forma de violência contra a mulher. Mais que isso, os autores apresentam, a partir de experiências pastorais práticas e pesquisas com mulheres, alguns caminhos que podem indicar saídas para milhares de esposas, mães, filhas, amigas e companheiras de trabalho que vivem tal situação.

Eles também trazem à tona nossa indignação e intolerância coletivas contra toda forma de violência contra a mulher, seja ela pobre ou rica, socialmente desprotegida ou resguardada pelo poder público, solteira ou casada, negra ou branca, jovem ou idosa, cristã ou não-cristã, analfabeta ou universitária, politicamente militante ou alienada, residente no meio urbano ou rural.

Finalmente, preciso dizer que coloco-me ao lado dos autores para lamentar a indiferença e a omissão das lideranças religiosas — inclusive de igrejas cristãs — sobre o tema.

Ao mesmo tempo, como agentes de transformação do reino de Deus, somos impelidos a desafiar a igreja de Jesus Cristo a imitar o seu Senhor na proteção, no acolhimento às mulheres que sofrem violência e no gesto sempre pronto e corajoso de denunciar e repreender os opressores.

Seguindo a história e o exemplo de Jesus, plantemos a semente da paz e da justiça, a fim de que todas as mulheres e homens desfrutem da fecundidade da vida na plenitude do amor.

PASTOR CARLOS QUEIROZ

## Apresentação

Das muitas maneiras que existem para iniciar um livro, optamos pela participação direta daqueles que, em última análise, representam toda a motivação para o cumprimento de nossa missão. São as inúmeras mulheres que sofrem violência praticada por parceiros íntimos e os muitos líderes de igrejas evangélicas no Brasil que escolheram enfrentar esta realidade.

Os depoimentos apresentados a seguir formam mais que um ajuntamento de palavras.<sup>1</sup> São testemunhos vivos de uma realidade que atinge milhares de mulheres em todo o país. Cada frase revela uma representação encarnada de dor, sofrimento, angústia, medo, coragem e esperança diante do silêncio e da passividade da maioria das igrejas e de seus líderes. Pela mudança deste cenário é que convidamos você a continuar a leitura.

*Já vivi com uma pessoa, apanhando, sem poder sair nem dizer por quê. Muita gente pensava que era eu que queria, mas só eu sabia a razão. Fui obrigada a viver com ele sete meses sem falar nada para ninguém para ele não me matar e não matar a minha família. Ele me ameaçava. Eu fiquei calada. Um dia consegui fugir dele, senão acho que já teria morrido.*

– Mulher evangélica

*Meu marido deixava marcas roxas em mim de tanto bater. Tínhamos muito envolvimento na igreja. Eu não podia falar do meu problema lá, porque todo mundo nos conhecia, e tinha que ter uma fachada. Na rua era uma coisa, e em casa era outra.*

– Mulher evangélica

*Meu marido bate em mim. Ele me humilha muito, usa palavras feias. Ele fica se drogando e já pegou na faca dizendo: “Eu vou te matar!”. Algumas mulheres morrem assim. A mesma coisa poderia acontecer comigo. É capaz de ele ficar drogado e me matar. [...] Eu peço muito a Deus: “Me ajuda, me dá força”.*

– Mulher que frequenta uma igreja evangélica

*Certa vez conversei com uma senhora cujo marido vive drogado. Ele diz que, se ela o deixar, ele vai matá-la. Então ela nem vem à igreja. Não sai de casa. Um dia ele a espancou e ela foi parar no hospital.*

– Pastor evangélico

*Em Pernambuco, a violência mais visível é a violência contra a mulher. Assassina-se quase uma mulher por dia no Estado. Então, [esta violência] é a mais visível. Ela chama mais atenção. Porém, de uma forma geral, a igreja ainda não percebeu isso.*

– Pastor evangélico

*Já fui procurado por mulheres que sofrem violência várias vezes. Outro dia, uma moça foi agredida pelo marido. Ele quebrou a perna dela e lhe cortou o braço com uma faca.*

– Pastor evangélico

*Muitos pastores não têm tido a coragem de tratar estas situações.*

– Pastor evangélico

\* \* \*

Este livro surgiu de um projeto de pesquisa desenvolvido pela Diaconia e pela Comissão Central Menonita na região

metropolitana do Recife. Oitenta e dois pastores, pastoras e líderes de igrejas evangélicas foram entrevistados sobre o tema da violência contra a mulher. Cinquenta mulheres que frequentavam igrejas evangélicas – e tinham vivenciado situações de violência com um parceiro íntimo – foram entrevistadas sobre suas experiências com a violência e com a igreja.

Nas entrevistas com os líderes, percebemos a preocupação com as situações de violência, que não raramente surgem nas famílias que frequentam as igrejas, e a necessidade que muitos expressaram de aprender formas práticas de encarar esta violência a partir de uma perspectiva bíblica e pastoral.

Nas contribuições das mulheres entrevistadas, percebemos a importância do papel da comunidade de fé em apoiá-las nos momentos mais sombrios, quando sofreram lesões físicas e feridas psicológicas, ameaças e humilhação nas mãos das pessoas que mais deveriam amá-las e protegê-las. Reconhecemos também a necessidade de se capacitar as igrejas para acompanharem de forma eficaz pessoas que sofrem violência e pessoas que usam a violência.

*Até Quando?* é direcionado a pastores, pastoras e líderes de igrejas cristãs que queiram lidar com o problema da violência contra a mulher praticada por parceiro íntimo a partir de uma perspectiva bíblica e pastoral. Embora a pesquisa tenha sido desenvolvida apenas com membros e congregados de igrejas evangélicas, existem autores de violência e mulheres que sofrem violência em todas as denominações, igrejas e religiões. As questões abordadas aqui podem abrir o diálogo para que outras tradições religiosas examinem a relação entre sua fé e o trágico fenômeno da violência.

Embora todas as entrevistas tenham sido feitas com moradores da Região Metropolitana do Recife, acreditamos que a situação da violência em Pernambuco é parecida com aquelas

enfrentadas em outras áreas do Brasil. Assim, o livro pode ser útil para igrejas inseridas em qualquer contexto brasileiro.

Nossa gratidão a todas as 132 pessoas que participaram das entrevistas, contribuindo com seu tempo e seus pensamentos, para que juntos pudéssemos iniciar nossa luta contra este problema que destrói tantas vidas e famílias.

OS AUTORES

# Introdução

## **Violência praticada por parceiros íntimos: definições e contexto**

A violência praticada por parceiros íntimos é uma realidade que atinge a sociedade por completo. E as igrejas fazem parte deste contexto.

Este fenômeno é também conhecido por muitos como “Violência doméstica e familiar contra a mulher”.

A violência doméstica e familiar contra a mulher é, segundo a lei Maria da Penha (lei nº 11.340/06, Art. 5º), “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial”.<sup>1</sup>

A lei prevê que a violência pode ser promovida por qualquer pessoa “no âmbito da família, compreendida como a comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa”,<sup>2</sup> ou seja, irmão, marido, pai, tio ou outra pessoa com ligação familiar.

Neste livro, nossa abordagem trata especificamente da violência que acontece em relacionamentos entre parceiros íntimos, ou seja, pessoas que mantêm ou já mantiveram um

relacionamento amoroso entre si, como por exemplo: cônjuges ou ex-cônjuges, namorados ou ex-namorados, companheiros ou ex-companheiros, marido e mulher.

Acreditamos que a violência entre parceiros íntimos possui uma dinâmica diferente das outras formas de violência contra a mulher e, portanto, merece um tratamento específico.

Em geral, quando se fala de “violência doméstica”, a impressão que podemos ter é que ela acontece necessariamente no contexto do lar.

Quando falamos da violência praticada por parceiro íntimo (VPI), deixamos claro que embora muitos atos de agressão aconteçam no lar, eles também podem ocorrer em lugares públicos ou privados.

## Os efeitos da VPI

A violência praticada por parceiros íntimos causa vários impactos negativos à população brasileira. Pesquisas realizadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e outras organizações<sup>3</sup> apontam que a VPI contra a mulher causa inúmeros problemas para ela e seus filhos nas áreas da saúde física (como, por exemplo, ferimentos no rosto, pescoço, estômago e peito, problemas cardíacos, doenças sexualmente transmissíveis, abortos espontâneos etc.) e mental (depressão, ansiedade, baixa autoestima, síndrome do pânico, insônia, agressividade, entre outros).

A VPI também contribui para outros problemas sociais, como a falta de moradia e o abuso na utilização de drogas ilícitas.<sup>4</sup>

## Os três tipos de violência entre parceiros íntimos

Há pelo menos três tipos de VPI identificadas ao redor do mundo:

## 1. O “terrorismo íntimo”

Essa é uma forma de violência “severa e com ampla tendência de intensificar-se, caracterizada por várias maneiras de abuso, aterrorização e ameaças. Evidencia um comportamento crescentemente possessivo e controlador por parte do agressor”.<sup>5</sup>

Em geral, quando os autores falam de “violência doméstica contra a mulher”, se referem a esse tipo de ação.

A característica principal do terrorismo íntimo é a presença do elemento de dominação e desequilíbrio de poder entre os dois parceiros. Nele, uma pessoa utiliza a violência e o medo para manter o controle sobre o relacionamento e o outro. Este tipo de violência tende a causar sérios danos à vítima e à família, entre eles: lesão corporal, transtorno de estresse pós-traumático, uso indevido de remédios controlados, e tantos outros. Em alguns casos o terrorismo íntimo pode levar à morte.

Na maioria das situações, esse modelo de violência é promovido pelo homem contra a mulher, embora também esteja presente em relacionamentos homossexuais (mulher contra mulher e homem contra homem).

## 2. A resistência violenta

Esse termo se refere à violência promovida pela “vítima” quando ela se utiliza de atos violentos para se defender ou como tentativa de paralisar a violência do agressor.

Normalmente a resistência violenta dura pouco tempo, pois em geral o homem consegue dominar a mulher por meio da força física, fazendo com que ela comece a procurar outras formas de resistir e lidar com o abuso.<sup>6</sup>

## 3. A violência conjugal situacional

Esse terceiro tipo de VPI, embora possa tomar a forma de um ciclo que se repete, também pode acontecer como um incidente isolado na vida do casal.

É “uma forma de violência mais moderada, na qual a frustração perpétua e a raiva explodem esporadicamente em atos de agressão física”.<sup>7</sup>

Essa forma de violência não é baseada num desequilíbrio significativo de poder. No entanto, pode causar danos para os dois parceiros. Geralmente, as consequências são menos graves que no terrorismo íntimo. Tanto o homem como a mulher podem ser vítimas e autores da violência situacional, embora muitas vezes a mulher sofra maiores prejuízos por causa da desvantagem da força física e dos privilégios culturais.

Embora os três tipos de VPI sejam perigosos e mereçam nossa atenção e trabalho, neste livro voltamos nosso olhar para o terrorismo íntimo, caracterizado por uma relação de desigualdade de poder e um elemento de controle e dominação tão presentes na sociedade brasileira.

### **Por que a ênfase na VPI contra a mulher (e não contra o homem)?**

É comum perceber que, quando a temática da violência contra a mulher é debatida, uma pessoa logo apresenta algum exemplo de briga patrocinada pela esposa ou companheira contra o marido ou parceiro. Em geral, alguém pergunta: “Para que tanta preocupação apenas com as mulheres?”.

A primeira resposta a essa indagação encontra-se na formulação do conceito de violência doméstica ou terrorismo íntimo, visto que tal acontecimento é promovido, com raras exceções, por homens contra mulheres.

É importante ressaltar que a mulher pode usar a violência contra o parceiro, mas em geral ela o faz de forma distinta do homem. Para esclarecer este fato, os pesquisadores Michael Paymar e Graham Barnes perguntam:

Quantas vezes você já ouviu sobre uma mulher que matou o marido e os filhos porque o homem estava tentando sair do relacionamento? Quantos homens são estuprados por mulheres violentas em atos intencionados para a punição ou retaliação? Mas em toda cidade, homens agressores perseguem e assassinam as parceiras. Homens e mulheres usam a violência de formas diferentes e, portanto, nossas respostas precisam ser distintas.<sup>8</sup>

Sabemos pelos dados sobre a violência no Brasil<sup>9</sup> que os homens sofrem violência, mas que os principais autores de violência contra os homens são outros homens. Sabemos também que a violência promovida contra o homem tende a acontecer fora de casa, praticada por pessoas fora do âmbito familiar. A mulher, ao contrário, na maioria dos casos sofre violência dentro do lar, promovida por parceiros íntimos e outros homens amigos ou parentes.

Lundy Bancroft, um profissional que trabalha há mais de 15 anos com homens agressores, oferece uma palavra adicional de cautela para quem se preocupa com a violência promovida pela mulher: “Homens violentos frequentemente gostam de fazer o papel de vítima, e a maioria dos homens que se declaram ‘homens maltratados’ são na verdade os agressores da violência, e não as vítimas”.<sup>10</sup>

Por esses motivos, apesar de entender que em raros casos a mulher pode ser a autora principal da violência, e sem menosprezar a importância de dar apoio a qualquer homem que sofre VPI promovida pela parceira, optamos por destacar a VPI contra a mulher.